

Escritor, que não quis ser Fundador da Universidade

De todas as facetas do intelectual, a menos conhecida em Julio de Mesquita Filho é talvez a do homem de letras. De certo modo, ele contribuiu bastante para isso, pois não gostava que vissem na sua pessoa o escritor, talvez porque a condição de literato no Brasil se encontra quase sempre ligada a opções e a um tipo de comportamento que lhe desagradavam. Mas escritor o foi desde a juventude e com uma personalidade inconfundível.

Adversários políticos com a autoridade literária de Alvaro Lins reconheciam nele um prosador notável e eram os primeiros a salientar que, mesmo quando fazia jornalismo, os seus trabalhos traziam sempre a marca do escritor. Entre as homenagens que o País tributou à sua memória não faltaram, aliás, as prestadas por alguns acadêmicos eminentes, não obstante ele ter várias vezes declinado convites que Jorge Amado e José Montello lhe fizeram para que se candidatasse a uma cadeira na velha instituição, que desejava contá-lo entre seus membros. Dizia então com alguma ironia: "Não quero imitar os escritores franceses que na juventude juravam não escrever para o *Mercur* de Franco e ignorar a Academia e acabavam colaborando no primeiro e ingressando na segunda". A imortalidade do fardo nunca o seduziu...

O que muitos dos seus leitores de "O Estado" desconheciam, sem dúvida, é a paixão que JMF tinha pelos problemas da língua. Não se limitava a cultivar uma intimidade profunda com os clássicos. Era ele mesmo, talvez, o último escritor clássico do Brasil.

Aceitava a evolução da língua como fenômeno natural e irreversível, exatamente como aceitava a transformação das estruturas sociais e econômicas da Nação. Sem saudosismos estérteis. Não escondia até a admiração que lhe despertava a pesquisa criadora de Guimarães Rosa. Seu e releu Saparanga — que considerava uma obra-prima — com os desvelos de um scholar que houvesse escolhido o livro para uma tese universitária. Mas não acompanhava, como escritor, essas tendências inovadoras. Não poderia, e não desejava, nesse campo, pisar as fronteiras que impusera a si mesmo. Respeitava demais a língua portuguesa no acabamento que lhe haviam dado os grandes mestres — costumava dizer — para mudar de estilo depois de ter forjado o seu. E qual era exatamente esse estilo? Não seria fácil defini-lo. Escritor do seu tempo pelo domínio da linguagem adequada a traduzir as últimas conquistas da filosofia, das ciências sociais, da economia política, JMF era um escritor do passado pelo recorte da frase, pela ordenação das palavras no discurso, pelo arcaísmo de certos termos (que desperavam os revisores), pelo sabor de velhas construções sintáticas. Nessas sentenças apareciam poucas afinidades com os homens de letras da sua geração. Admirava com ênfase Eça de Queirós, Machado, Euclides da Cunha. Mas não sofrera como os seus contemporâneos a influência dos grandes mestres do fim do século XIX e do começo do atual. Era para os clássicos quase esquecidos que se voltava, para os fortes produtores dos séculos da aventura. Entre os seus livros de cabeceira estavam-se as *Crônicas* de Fernão Lopes, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, os *Sermões* de Vieira. Dos escritores do século XIX, Herculano era talvez o único cujo estilo marcou o seu.

Não é de estranhar assim que, para os estudiosos que sobre eles se debruçaram, seus ensaios e artigos sejam um labirinto de dificuldades. JMF tinha uma predileção irreprimível pelo período longo. Nada mais fácil para ele, em certos editoriais políticos, do que quebrar um período, tornando a leitura mais simples, a idéia mais apreensível, a forma de comunicação mais direta e moderna. Mas não o fazia. Burlava a frase quantas vezes fosse necessário para eliminar ressonâncias, substituindo advérbios, verbos e adjetivos, de maneira a conservar na forma o sabor clássico e enovelado de um discurso renascentista, embora, pelo conteúdo, este fosse por vezes uma catilinária anticomunista ou a abordagem de um problema técnico só compreensível em nossa era de computadores eletrônicos e naves espaciais. Seu estilo era, como certo dia afirmou um gramático, um milagre de equilíbrio, tal a profusão de orações intercaladas, com todos os problemas inerentes à harmonização das concordâncias, com a agravante de que manifestava uma predileção acentuada pelas formas infinitivas e pelo subjuntivo. Seu escrípulo na escolha das palavras, na avaliação dos seus múltiplos significados e dos seus efeitos eufônicos, atingia tais extremos que telefonava por vezes noite alta, de casa ou de Louveira, a fim de pedir ao secretário da Redação que substituísse ou eliminasse, no seu artigo, um simbles vocábulo...

Para espanto dos íntimos, este escritor de outras eras, purista até o exagero, confessava abertamente a sua aversão pelas regras memorizadas. Não folheava nunca uma gramática. Mas incorporava de tal mo-

do a complexa tessitura da língua ao seu processo mental, que seus textos não continham um solecismo, um deslize de sintaxe, uma construção duvidosa. Uma simples virgula mal colocada — o que um jornal aceita diariamente — era o suficiente para o deixar desaperado. Quando se relia, nunca ficava satisfeito, clamava contra as servidões e a pressa do jornalismo.

Amigos ou simples leitores telefonavam-lhe ou escreviam-lhe — JMF atendia qualquer desconhecido ao telefone — para comentar problemas de estilo ou de sintaxe colocados pela leitura do seu editorial. Enquanto não encontrava nos clássicos a confirmação do acerto da fórmula que adotava, mostrava-se preocupado como um adolescente. Pouco antes de sua morte, um filólogo de Coimbra, consultado a respeito de uma regência controversa, aprovou-a sem reservas, mas teve um comentário que talvez ferisse qualquer outro escritor: "Este homem tem um estilo de sabor seiscentista que lembra por vezes o do Padre Manuel Bernardes. Julio de Mesquita Filho, informado do comentário, disse apenas: "Quem sou eu para merecer tamanha honra".

Mesmo quando, em viagem, se transformava em repórter despreocupado, o escritor afluía sempre em JMF. Nos capítulos de A Europa que eu vi há páginas comovidas onde a beleza da forma enobrece o pensamento de um espírito permanentemente voltado para a meditação sobre a história. Sua descrição de Paris, por exemplo. Um tema velho como o tempo, mas um tema a que ele conseguiu inculzir luz, força, espaço, movimento, ternura, inquietação e sobretudo humanidade. O esboço principiava por uma interrogação. O que teria ocorrido para que gerações sucessivas considerassem sempre aquela cidade um denominador comum de toda a humanidade sensível, o único trecho do mundo onde todas as raças e todas as consciências se dispõem a esquecer suas origens e suas nuances espirituais para se sentirem, se não unidas, pelo menos dispostas a uma quase compreensão? "Essa coisa a mais que faz de Paris — responde — um caso único e decisivo, cremos nós, reside no fato de ser ela a mais alta e mais completa expressão da qual que nestes últimos 70 anos se convencionou chamar de civilização greco-latina".

Segue-se um corte, um breve mergulho na Grécia e em Roma, o estabelecimento da relação entre os valores da antiguidade e os monumentos literários e arquitetônicos que corporificam a sua substância. "Ora o mesmo não se poderá dizer da civilização contemporânea — observa — ou, para usarmos da mesma expressão de ainda há pouco, greco-latina. Ela é por demais rica em elementos fundamentais para que se logre indicar este ou aquele, ou mesmo um grupo deles, como suficientemente representativo do que há de fundamental em seu espírito. Se se quiser tentar em relação a ela uma síntese capaz de exprimir o que nela há de essencial, ser-se-á obrigado a recorrer a um símbolo complexo que abraça na sua inteireza uma soma de valores, instituições e representações capaz de defini-la com precisão necessária. E esse símbolo, já o dissemos, é Paris".

Só depois se inicia o mural do Paris de todos os tempos, com seus monumentos altivos, seus poetas, seus pintores, seu heróico complexo e contraditório, sua trama fina e sutil de valores entrelaçados no tempo e no espaço, no espírito e na matéria.

A França foi, de resto, para o escritor uma paixão tormentosa. Sua fidelidade aos valo-

res da cultura francesa foi tão firme e significativo como seu entranhado e orgulhoso amor aos valores luso-brasileiros. E quando a razão o levou a criticar a França, o fez ainda para, coerente, defender valores franceses, renegados ou olvidados pelos filhos da pátria de Corneille e Joffre. Pode-se dizer que até o fim, nas idéias, a França representou para o humanista o que para o político militante significaram os pragmáticos pioneiros do liberalismo inglês, e aquilo que para o escritor, no domínio do estilo, foram os clássicos portugueses.

Tal como o político, como o pensador, o escritor JMF estudou até o fim. As modas literárias como o novo roman deixavam-no indiferente. Mas quando alguma coisa de realmente importante despontava no horizonte europeu ou americano merecia logo a sua atenção. Levy Strauss, a quem muito admirava, e estimava pessoalmente, incutia-lhe um interesse novo pela antropologia estrutural e pelas estruturas do parentesco. Pouco antes de morrer, sobre sua mesa de trabalho encontravam-se amontoadas (e algumas já anotadas) obras de autores tão diferentes como De Gaulle e Foucault, Servan-Schreiber e Maurice Duverger, Koestler e Marabini, Marcuse e Sauvageot — Conh Bendit.

Não procurava a intimidade dos monstres sacres da literatura. Mas não se furtava também a encontrá-los quando vinham até ele. Recebia-os com a fidalga hospitalidade de um paulista de antanho, sempre que manifestavam interesse em conhecê-lo. Foi o que aconteceu com Jean Paul Sartre em 1960. Convidou-o para a sua fazenda de Louveira e discutiu com ele e Simone de Beauvoir literatura e política. Mas só depois de criticar, no "Estado", o comportamento, no Brasil do diretor de *Les Temps Modernes* e de expressar, num outro editorial, a convicção de que a obra filosófica não lhe parecia ter a consistência das criações do espírito que resistem ao tempo. O que não o impedia, aliás, de permitir que, simultaneamente, redatores de "O Estado" publicassem artigos apologeticos sobre Sartre, militante político e filósofo.

JMF fazia questão de distinguir entre o homem, o escritor e o político, quando coexistiam numa figura de porte internacional que nos visitava. O caso de André Malraux ilustra talvez melhor do que qualquer outro a rigidez dos princípios que se impunha a que se refletiam na linha de "O Estado". De todos os escritores vivos, o autor de *La Condition Humaine* era talvez aquele a quem votava, como homem de letras, maior admiração. Mas desagradavam-lhe certa soberania do homem Malraux, e algumas peculiaridades do temperamento do aventureiro, do herói, do artista. Quanto ao político, não entendia as motivações que o haviam transformado de revolucionário marxista em ministro da Informação e mais tarde da Cultura de De Gaulle.

Quando o escritor-ministro visitou São Paulo no ano 59, recusou-se, quase grosseiramente, a conceder uma entrevista exclusiva a "O Estado". JMF mobilizou a melhor equipe do jornal (até o secretário foi para comparecer à entrevista coletiva. E fez apenas uma recomendação aos seus redatores: "Entrevistem o escritor e esqueçam o ministro. Ele é demasiado grande para que possamos julgá-lo". Malraux não gostou das perguntas, mas a cobertura, no dia seguinte, deixou-o deslumbrado.

Anos depois, ao ler *Antimemórias*, Julio de Mesquita Filho revelou a alguns amigos que havia, finalmente, compreendido muitas das motivações insólitas de Malraux. JMF não era apenas sensível à grandeza do gênio; procurava também descer às raízes da condição humana.

Só os que com ele conviviam no dia a dia podem avaliar o que representou e representa a sua ausência para todos quantos trabalham no "Estado". Ao recordá-lo hoje, um ano após a sua morte, repetimos as mesmas palavras que nos assinalamos o seu desaparecimento na coluna que redigia: "O Estado" continuará fiel a si mesmo e aquele que o soube engrandecer (...). As suas diretrizes serão integralmente mantidas".

"Ao sairmos da Revolução de 32 tínhamos a impressão profundamente nitida de que o destino acabava de colocar São Paulo em posição idêntica àquela em que se achava, após Iena, a Alemanha, o Japão no dia seguinte ao do bombardeio dos seus portos pela esquadra norte-americana, e a França depois de Sedan. E se atribuíamos a série infinita de gravíssimos erros praticados dentro das fronteiras do nosso Estado pela ditadura à mentalidade primária dos seus prepostos, não nos parecia menos evidente que só uma reforma radical do aparelhamento escolar do País e a instauração de uma vigorosa política educacional poderiam evitar a catástrofe final que os movimentos de 1922, de 24, de 30 e 32 nada mais faziam do que prenunciar. Para os males que nos acabrunhavam, a história daqueles países nos apontava o remédio (...). Daí a fundação da nossa Universidade e consequentemente a criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras".

Quando Julio de Mesquita Filho pronunciou estas palavras, em 1937, ele parafinava a primeira turma de licenciados pela Faculdade que ele ideara e, por assim dizer, montara, já o assaltavam os receios de que uma vaga de obscurantismo e terror ideológico não tardaria a abater-se sobre o País; mas estava certamente longe de admitir que a sua batalha em prol da Universidade não findaria e prosseguiria nela por mais trinta anos, com o mesmo entusiasmo da época em que juntamente com Armando Salles de Oliveira lançara as bases do moderno ensino universitário no Brasil.

Na vida de JMF, a obra do educador ocupa um lugar de excepcional importância, com a peculiaridade de as suas realizações nesse terreno serem das poucas que lhe proporcionavam uma grande satisfação interior. Os seus ensaios, conferências, entrevistas e artigos sobre temas ligados à Universidade, se reunidos, formariam vários volumes, refletindo uma linha de pensamento que, no tocante a certos princípios basilares, nunca mudou: a do humanista moldado pelos valores da cultura greco-latina, fiel a um conceito harmonioso do saber integrado. Recusou-se sempre a encerrar uma Universidade como mera justaposição de faculdades e institutos. Via nela o meio mais eficiente de combater a desintegração dos conhecimentos humanos, voltando-se para as eras em que o saber humano era um todo coerente. Homem do seu tempo, impressionado como poucos pela revolução registrada no campo das ciências exatas, JMF não defendia a transplantação dos modelos superados das velhas universidades que começaram a florescer na Europa na Idade Média. Mas não esquecia também que nos exemplos famosos de Paris, Oxford, Coimbra, Montpellier, Salamanca e outros havia algo que conservava um valor permanente: o espírito que animava toda a comunidade e sem o qual não se teria erigido em focos seculares de cultura". O que caracteriza uma Universidade é constituída a sua principal razão de ser — diria em 45 numa conferência dedicada à memória de Armando Salles — é a sua natureza eminentemente orgânica, em uma palavra, é a conjugação das suas partes componentes, de tal modo que a vida dos órgãos participe íntima e necessariamente da vida do todo".

No início dos anos 30, essa imagem da Universidade parecia entre nós um sonho irrealizável. Existia um abismo entre ela e o triste espetáculo oferecido pelo nosso ensino superior, subdividido em escolas profissionais ilhadas, onde imperavam os mais diversos corolários e tendências doutrinárias. Contra esse panorama de desgregação e incultura se rebelaram Armando Salles de Oliveira e Julio de Mesquita Filho. Era preciso criar em São Paulo uma Escola nova para modelar a juventude e preencher o imenso vazio posterior à frustração de 32. Não havia, aliás, no projeto, espírito sectário, o menor resquício de baurrismo. "Esperamos os seus fundadores — a observação é também de JMF — que dêsem foco ardente de ambição desinteressada se irradiasse para todo o País uma concepção nova das coisas e que, combatendo sem desfalecimento a velha e desgastadora idéia do saber pelo saber, implantasse na consciência das gerações de amanhã o sentimento do sacrifício pelo bem da comunidade". Da idéia da Universidade atualizada partiam os seus fundadores para a construção de uma verdadeira usina de cultura e cérebros que, a coberto da instabilidade dos governos, pudesse gerar os sentimentos, a vontade, a organização e a disciplina intelectual a que os povos fortes devem as suas melhores vitórias.

Segundo a concepção de Armando Salles e JMF, caberia às futuras universidades brasileiras criar, entre os que se destinam aos altos postos do magisterio, da administração e de comando, um traço de união, uma comunidade no espírito, nos métodos e no sentimento. Espalhadas pelo País, elas seriam "os centros de convergência das diferentes mentalidades, tendências e correntes de opinião, nos quais se venham a cristalizar, através da unidade de formação do espírito, os princípios e ideais da vida nacional". Pela sua própria ambição, o projeto obrigava a erguer tudo a partir do nada. "Dêem ao que se pratica no Brasil o nome que quiserem; não lhe dêem, porém, o nome de ensino" — dizia então JMF. Para ele, ensinar não era transmitir pura e simplesmente o que se aprende nos livros. "Antes de tudo e acima de tudo — lembrava — a nova Faculdade superior incumba a missão de fazer progredir a ciência, de formar e guiar pesquisadores". O elemento fundamental da futura Universidade de São

Paulo teria, portanto, de ser um Instituto onde se fizesse em primeiro lugar ciência, onde as autênticas vocações encontrassem campo ilimitado para desenvolver as suas tendências íntimas, "onde a ciência pela ciência fosse a regra e o espírito de pesquisa dominasse todas as consciências".

A primeira dificuldade enfrentada por JMF foi a dura contingência de repelir "todos os quantos, possuidores de títulos profissionais se julgavam em condições de reger as cátedras de Oliveira lançara as bases do moderno ensino universitário no Brasil. O autodidatismo, a improvisação, o amadorismo não podiam ter lugar nela. Outro problema grave que impunha uma decisão de importância capital era o da escolha dos mestres estrangeiros. O fascismo vicia a sua hora de ascensão aparentemente irresistível. O liberalismo dir-se-ia para sempre banido da

face da terra. "Ora nós — acentua JMF — eramos irredutivelmente liberais. Tão convictamente liberais que nos julgávamos na obrigação de tudo fazer para que o espírito em que se inspirasse a organização da Universidade se mantivesse exacerbadamente liberal". Os fundadores queriam uma Faculdade pioneira que ensinasse tudo o que envolvia o bem da Humanidade sem quebrar lanças em nenhuma cruzada, exceto a luta pela liberdade do ensino. Acreditavam, como Coffman, que "a única liberdade que importa à Universidade é a liberdade do ensino e não a de fazer proselitismo".

Essa preocupação de independência criou um problema de corrente da pressão da colônia italiana e do governo de Mussolini que, invocando o poder econômico e demográfico da minoria peninsular, pretendiam impor a vinda para a nova Faculdade de numerosos professores das Universidades fascistas italianas. Mas a dificuldade foi habilmente contornada. A Itália viu-se contemplada com algumas cadeiras de ciências exatas — Análise Matemática, Geometria, Estatística, Geologia, Mineralogia — e com o ensino da Língua e Literatura italianas. A França cobrou as cátedras de que dependia diretamente a formação espiritual dos futuros alunos: Filosofia, Sociologia, Economia Política, Política, Geografia Humana, Letras Clássicas e Língua e Literatura Francesas.

Assim se evitou — lembrava mais tarde JMF — "a evocação do sentido liberal da evolução brasileira. As futuras "élites" não seriam vítimas da

deformação intelectual resultante da predica, nas cátedras, de teorias estruturais, que repugnavam à índole e às tendências íntimas da nossa gente".

O descortino e a intuição demonstrados por JMF na delicadíssima tarefa de convidar os mestres europeus que vieram formar os jovens universitários paulistas só com o rodar dos lustros puderam ser plenamente avaliados. Auxiliado por amigos como Georges Dumas e Levy-Bruhl, o diretor de "O Estado" cumpriu de tal maneira a sua missão que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP pode hoje orgulhar-se de haver tido no seu quadro de professores nomes que hoje brilham como estrelas de primeira grandeza na constelação das grandes figuras da cultura mundial. Basta recordar que nas suas acañadas e improvisadas instalações lecionaram um Wataghin, um Roger Bastide, um Paul-Arbutouse Bastide, um Ungaretti, um Fernand Braudel, e sobretudo Claude Lévy Strauss, porventura o espírito mais poderoso e criador da inteligência europeia contemporânea.

Incontáveis seriam, como era inevitável, as deformações que o projeto dos fundadores da Universidade viria a sofrer. Na cupula e na base, porventura que não cabe aqui analisar, a nossa primeira Faculdade de Filosofia não evoluiu de acordo com o conceito de Universidade — da qual era apenas um núcleo pioneiro — de JMF e Armando Salles. As próprias ruínas do prédio da Rua Maria Antonia al estio a recordar às gerações de hoje que ela não se constituiu numa comunidade de espírito, de

metodos e sentimentos, voltada para o saber desinteressado. Mas o saldo da grande tentativa é, apesar de tudo, positivo. Amargurado por ver a Universidade dividida e transformada num terreno de lutas políticas e ideológicas, Julio de Mesquita Filho, ao morrer, encontrava ainda múltiplas razões para se orgulhar da arrancada para a revolução no Ensino, consubstanciada no histórico Decreto de 25 de janeiro de 34, do qual foi o inspirador.

Ele sabia que o saber posto a serviço da coletividade, mesmo quando desviado de seus objetivos, deixa sempre as sementes de um ideal indestrutível. A idéia de Universidade, no seu espírito, era afinal apenas uma etapa, embora decisiva, na obra iniciada com o ciclo das bandeiras. "Porque o Brasil — como deixou dito em *Política e Cultura* ao falar a juventude da missão da Universidade — nada mais é do que um problema posto pelas bandeiras; e, ou nós, paulistas de hoje e de amanhã, o resolvemos ou teremos irremediavelmente falhado na missão que nos legaram os nossos antepassados. Quanto mais avançardes na meditação da realidade que nos rodeia, mais profundamente vos convenceréis de que é na integração do problema brasileiro, tomado este vocabulo na sua acepção penitencial, que deveremos buscar o animo para enfrentar as vicissitudes que porventura nos queira ainda reservar a História. E que admirável mística: tirar essa imensa massa do seu estado atual, quase zmoreto, para dar-lhe consistência diferenciada e definida".

quando o verão chegar você vai ver que o bom mesmo é ficar na água



Você vai esperar o verão para construir a sua piscina? Por que não ganhar tempo, construir agora e aproveitar O verão inteiro? É a melhor idéia que você pode ter neste inverno. As piscinas Bel-Acqua são construídas com a mais avançada técnica e com os melhores equipamentos atualmente existentes no mundo. Piscinas olímpicas, sociais, clássicas, decorativas e tanques infantis, para a Bel-Acqua só uma coisa importa: qualidade de construção e perfeição de acabamento. Não se preocupe com os preços, porque as piscinas Bel-Acqua são financiadas em 24 pagamentos para que você também possa ter este conforto em sua casa ou no seu clube. Bel-Acqua mantém ainda modernos componentes que vão melhorar a sua piscina, veja só:

- AQUECEDOR Super-compacto** (ocupa apenas um metro quadrado de área) Super-eficiente (em 10 horas de funcionamento deixa sua piscina em condições de uso, seja qual for a temperatura externa). Super-econômico (consome apenas um garrafão de gás em cada fim de semana). Super-automático (liga e desliga por controle próprio).
- FILTRO** Filtro "Hy-Rate", a mais moderna concepção em tratamento de água. Com dimensões reduzidíssimas, o filtro "Hy-Rate" possui válvula única para operação. Executando dois movimentos, de filtração ou lavagem, torna antiquados os "sulfatos" ou "carbonatos", simples coisas do passado.
- SKIMMER** É o vigilante eterno de sua piscina. Não admite folhas, insetos ou poeira na superfície da piscina, mantendo a cristalinidade da água. Sólido, não sofre corrosão, nem usa produtos químicos.
- TRAMPOLIM** Construído em "fiber-glass", possui acabamento perfeito, com suporte e mola de flexão. Extremamente compacto, foi idealizado para a sua piscina residencial.

Sem qualquer compromisso, consulte o Departamento de Engenharia da Bel-Acqua. E não se preocupe com o inverno: fique na água.



Escritório central: Av. Angélica, 1397 - Tels.: 51-2597 - 51-3143 e 52-7430 - São Paulo - S.P.

In Memoriam

A família de Julio de Mesquita Filho, por motivo da passagem do 1.º aniversário de sua morte, fará celebrar missa amanhã, segunda-feira, às 11 horas, na Igreja de Santa Teresinha, à rua Maranhão.

Em Belo Horizonte, funcionários da Redação e da Administração da Sucursal de "O Estado" farão celebrar, hoje, missa "in memoriam" de seu saudoso diretor, na Basílica de Nossa Senhora de Lourdes.

O presidente da Associação Mincira de Imprensa, jornalista Fábio Proença Doyle, comunicou que a "AMI se associará à cerimônia, numa homenagem à memória do grande jornalista que foi Julio de Mesquita Filho".

Foi o eterno cruzado da democracia

Há certos homens que são biologicamente democráticos. Julio de Mesquita Filho foi um deles. Carregava a idéia da democracia no temperamento, mesmo antes de saber o que ela era. Num auto-retrato que esboçou aos 64 anos, esclareceu que fora a leitura de Herodoto e Tucídides que fizera dele para sempre "um democrata e um irredutível adversário de todas as manifestações de força e de constrangimento da pessoa humana".

Os estudos de humanidades na Europa desempenharam sem dúvida um papel decisivo na tomada de consciência do jovem paulista. Mas ele mesmo destacou sempre a influência decisiva que na sua formação tiveram os anos da adolescência vividos na atmosfera patriarcal de um São Paulo já republicano, mas ainda modelado pelos valores morais do Império. A absorção da teoria ampliou e fortaleceu uma tendência irrepresível para se identificar com a defesa dos direitos inerentes à condição humana, onde quer que eles se achassem ameaçados, e para se rebelar contra todas as formas de arbitrio e violência. Houve, no entanto, algo que não se alterou com a leitura dos grandes clássicos gregos: a sua ansia de harmonizar progresso e tradição. Ao contrário de sucessivas gerações de americanos — de Bolívar a Battle e Berres — que no deslumbramento da descoberta dos valores culturais europeus e norte-americanos procuraram mecanicamente transplantá-los, Julio de Mesquita Filho permaneceu sempre consciente da especificidade das estruturas sociais e econômicas que historicamente teriam de prevalecer sobre as superestruturas institucionais importadas. Conhecedor profundo da história pátria, jamais ocultou uma ilimitada admiração pela sabedoria política dos governantes do Império. Paraphraseando Renan, opinava que não deveria receber parecer fora de moda quem, em matéria política, quisesse que o futuro lhe desse razão.

Não era pelo coração um marxista, mas como não temia enfrentar as críticas fáceis e gratuitas daqueles que não o compreendiam, não se cansou de denunciar a esterilidade dos esforços de todos quantos tentavam em conitar a solução do problema brasileiro aos especialistas em direito constitucional. O mal não residia no sistema — pois o presidencialismo era de todos o mais adequado à morfologia social da nação — mas sim na sua aplicação defeituosa. Em mais de uma conferência sustentou a tese de que o Brasil, pelo grau de diferenciação cultural e econômica de suas populações — umas vivendo em plena revolução científica do século XX, outras vegetando à margem de uma economia de mercado com

padrões culturais e econômicos inferiores aos das massas dos Estados feudais da Idade Média — apresentava mais semelhanças com os Impérios multinacionais do século XIX do que propriamente com os modernos Estados do Ocidente.

Pode parecer irrelevante essa opinião. Mas ela se apresenta como indissociável de outras que defendeu em todas as batalhas políticas que travou. Vocionalmente democrata, não se deixava ludir a respeito da maturidade do Brasil para edificar um sistema que via como o desfecho natural e harmônico de um processo evolutivo, vale dizer de um estado de espírito que as nossas populações estavam longe de atingir. Daí a sua repulsa pelas fórmulas e figurinos estrangeiros. Admirador entusiasta da obra dos Constituintes de Filadélfia, que estudara a fundo, não acreditava na eficácia milagrosa dos textos que não se harmonizavam com as realidades nacionais. Sua crença inabalável nas virtudes dos sistemas evolucionários o fazia erguer-se contra experiências totalmente alheias à nossa tradição, como o parlamentarismo de tipo europeu e, sobretudo, contra as saídas totalitárias, fossem elas inspiradas nos moldes clássicos da ditadura militar ou pelo desejo de implantar entre nós algo que se assemelhasse a um regime de capitalismo de Estado ou a um sistema moldado pelos princípios liberticidas do materialismo dialético. Era tão incompatível com o caudilhismo sul-americano como com o militarismo. Mas estabeleceu sempre uma distinção nítida entre as Forças Armadas, como instrumento de ordem interna e de defesa da soberania nacional, e os que delas se utilizavam para fins contrários aos interesses da nação. Sua admiração por Caxias, como imagem do soldado ideal, era tão grande que na carta polêmica que escreveu ao historiador argentino Ramon Carcano o apontou como "patrimônio não apenas de um país, mas de toda a América".

As linhas mestras do pensamento político que havia de guiar JMF em todas as batalhas da sua longa existência de lutador estão aliás contidas na sua primeira obra, *A Crise Nacional*. Nela se encontram já as escolhas capitais que reafirmaria com coerência durante a epopéia de 32, na longa luta contra Getúlio Vargas, no combate à demagogia desenvolvimentista de Juscelino, ao populismo contraditório de Jânio Quadros, ao comunismo-nacionalismo de João Goulart, e depois da Revolução de 64, ao bipartidarismo amargo de Castelo, às fluxões institucionais de Costa e Silva e, por último, ao surto de militarismo que culminou no AI-5.

retrospectivamente um cinho profético às suas ponderações.

Convidado a pronunciarse sobre a construção política do futuro numa época em que o pior parecia iminente, teve a coragem e o descorço de se declarar adepto de uma cirurgia rápida, profunda e sanadora e de repelir como inoúteis as soluções superficiais, a longo prazo, apontando os perigos de todas as teses que assentavam no pretenso poder mágico de mudanças institucionais de base que o levariam, primeiro, a considerar a Revolução malograda quanto aos objetivos e a criticar, depois, a política seguida pelos governos dos marechais Castelo Branco e Costa e Silva, ele as previu em suas objeções às tarifas de uma futura Junta Militar. Para evitar males que tinha por irreparáveis, repudiava a colaboração com uma classe política divorciada do sentir nacional e corrompida até ao amago; opunha-se à destruição da Constituição de 46; e a fixação de prazos (os 5 anos sugeridos afiguravam-se-lhe uma exorbitância) para a obra de recuperação nacional a ser empreendida pelo Poder discricionário saído da Revolução em preparo.

A História deu-lhe razão contra sua vontade. Combateu Castelo Branco com a sua tenacidade habitual, tão logo se deu conta de que a sua notável obra no terreno econômico não era acompanhada de uma estratégia política paralela e revolucionária. A complacência do presidente diante de um Congresso contaminado pelo getulismo, pelo janguismo, pelo janiismo e pelo ademarismo decepcionou-o e inquietou-o. Afigurava-se-lhe grotesca e potencialmente explosiva uma situação em que cabia a contrarrevolucionários a tarefa de legislar sobre a Revolução e julgar os seus atos. Mais tarde, diria: "Uma revolução não pode ser feita pela metade. Quando isso acontece, a reação é a hem díez orgânica: o corpo operado reclama uma nova intervenção para que o livre dos resíduos. A natureza nos dá essa lição de graça. Os tecidos deteriorados não se ligam com os tecidos novos". E era ele quem estava certo. Mas respeito sempre a figura de Castelo Branco sem lhe negar a sua dimensão de estadista. Quando ele faleceu, dedicou-lhe um editorial em que o comparava, pela inteligência e pelo caráter, aos maiores presidentes que a República já tivera. Como de ambos os lados — salientou — "o movel do combate fossem as inalienáveis conveniências do País, estavam certos de que em breve, muito em breve, a compreensão voltasse a aproximar-nos como sinceros aliados no bom combate pela recuperação da República e pelo bem-estar da Nação".

Castelo, mesmo quando magoado, respeitou sempre o adversário leal. "O dr. Julio — confidenciou um dia a Roberto Campos — é um grande patriota, corajoso, reto. Sem ele talvez não houvesse a Revolução e estaríamos avançados no processo do caos. Mas foi personalista e injusto para comigo". Os fatos vieram provar que esse personalismo e o tom quase agressivo de JMF resultavam da consciência de que a herança do primeiro governo revolucionário se revelaria demasiado pesada para o sucessor de Castelo Branco. Foi o que se verificou quando ela caiu, com todos os seus acertos e erros, sobre os frageiros ombros do marechal Costa e Silva. O sistema bipartidário nunca passou de uma farsa; a nova Constituição foi o ponto de partida da destruição do que restava de orgânico nas instituições do País; a promulgação das Leis de Segurança e de Imprensa acabou sepultando as derradeiras esperanças de um fim previsível do governo discricionário. Semana após semana, dia após dia, JMF denunciava, angustiado, no seu comentário de "O Estado" a contradição gritante entre a linguagem do otimismo oficial e a sombra realidade político-social; o contraste entre o ilusório desejo de normalização e a rebelião da classe política e a volta da desordem às ruas e às universidades; a antinomia entre o verbalismo revolucionário e o florescimento da corrupção e da subversão.

No seu editorial de 13 de dezembro, intitulado "Instituições em Frangalhos", enunciou as contradições mais chocantes do artificialismo institucional vigente. "Já agora — suhinhava — a ordem que julgava s. exa. o presidente da República dever a Nação às instituições que lhe impôs revelou-se uma vá aparência, pois que, ao apelar para os que considerava correligionários seguros das acutiladas da oposição contra os seus companheiros de armas, se vê s. exa. totalmente desamparado". E, prisioneiro de terríveis apreensões, perguntava: "O que é que poderá resultar de um estado de coisas que tanto se assemelha ao desmantelamento total do regime que o sr. presidente da República julgava fosse o mais conveniente àquele delicadíssimo e fragil arquipélago de grupos sociais a que se referia ainda ontem, cuja integridade, é s. exa. o primeiro a reconhecer-lo, está por um fio?".

O que resultou foi o Ato Institucional n.º 5. Os receios expressos em "O Roteiro da Revolução" eram confirmados pela história, sete anos depois da carta-documento e quase cinco anos após a jornada de esperanças do 31 de março. "O Estado" foi apreendido. E Julio de Mesquita Filho não voltou a escrever. Era incapaz de se autocensurar.



O respeito às tradições foi uma dominante em sua conduta pública

A História foi a sua grande paixão

Julio de Mesquita Filho definia-se profissionalmente apenas como um jornalista. Reconhecia em si o espírito de um ensaísta, como condensador de idéias, familiarizado com o estudo da História, da Sociologia, da Psicologia, das Ciências Econômicas, da Religião e da Filosofia. Mas não apreciava rótulos, insurgindo-se inclusive contra a qualificação de intelectual, por considerar a palavra desvirtuada pelo uso abusivo que no Brasil dela se faz. No entanto, o que de melhor e mais permanente se contém na obra do ensaísta JMF, e até certo ponto na do pensador político, são os trabalhos em que ele afirma uma poderosa vocação de historiador.

Os que o conheceram intimamente sabem que, muito mais do que o jornalista diário e a política, a História foi a sua grande paixão. Na aparência, seu temperamento combativo e polêmico não o colocava em condições favoráveis para a abordagem dos problemas exigida do historiador. Mas seu gosto pela Sociologia e pela pesquisa rigorosa proporcionava-lhe, quando se isolava, o distanciamento das coisas temporais imprescindível à serenidade do julgamento e à frieza da análise. Essa dicotomia engajado do espectador da aventura humana era de resto uma das facetas desse homem para o qual só a procura do saber podia fecundar a ação.

Foi da fonte greco-romana que recebeu as primeiras lições sobre o passado da humanidade. Xenofonte, Plutarco e Cesar foram, com Tucídides e Herodoto, os seus primeiros mestres e marcaram-no tão indelevelmente que pela vida afora não deixaria de citá-los e relê-los.

A sua posição perante o estudo dos fenômenos históricos, totalmente isenta quanto ao levantamento dos fatos, não era — não podia ser — neutra quanto à escolha dos métodos e à interpretação das mudanças operadas.

"Para nós — escreveu em *Política e Cultura* — Spengler tinha razão na sua defesa das analogias. Estamos convencidos de que sem uma profunda meditação sobre o passado e os principais acontecimentos que nele se registraram não haverá maneira de se compreender o que hoje acontece. A História, como salienta o velho chavão, se repete. E isso por uma razão muito simples. É que quem a faz é o homem e este — por mais que sustentem o contrário quanto os consideram passível de modificações no sentido de uma contínua ascensão — é sempre o mesmo, tenha ele vivido nas eras remotas de certas civilizações já extintas, ou surja como o autor principal dos acontecimentos revolucionários dos últimos dois séculos".

Nesse belo parágrafo está sintetizada a visão da História de

desarmada contra as forças inelutáveis contra ela desencadeadas.

"Faltou-me tempo livre — dizia com melancolia — para escrever uma série de trabalhos que cheguei a estruturar mentalmente". Foi no exílio que pôde produzir sua curta mas significativa obra no campo das ciências históricas. O essencial acha-se condensado naquele que é, segundo a crítica, o mais importante dos seus livros: *Ensaioes Sul-Americanos*. Em todos esses estudos, na opinião de Plínio Barreto, transparece "o seu empenho de fugir às estradas batidas e de recompor a história do nosso passado em termos tais que se possa obter uma melhor redistribuição de justiça para os nossos avós".

É provável que outra não fosse a ambição de JMF. Mas a obra, naquilo que é e representa, transcende as intenções do criador e deixa de ser sua para exprimir o que carrega de ensinamentos não conscientizados. Ora, lidos hoje, os *Ensaioes* não encerram apenas uma interpretação original de alguns eventos primordiais da nossa história colonial e da política hemisférica do Império. Na sua diversidade e riqueza eles constituem um sólido painel histórico no qual sobressai a camelinhada epopéica de uma nação que se formou na América para nela continuar a insondável aventura de seus ancestrais, vale dizer do homem ocidental, numa procura inquieta que visa, em última análise, à integração planetária.

Orgulho de bandeirante

A carta a Ramon Carcano, por exemplo, não é somente a resposta de um intelectual brasileiro a uma distorção dos antecedentes da guerra do Paraguai. É uma descida às raízes da nacionalidade, ao confronto histórico entre as Coroas de Portugal e Espanha e às idiosincrasias antagônicas dos dois povos ibéricos; e é também uma página de sociologia do pensamento, uma explicação da América do Sul oriunda dos movimentos libertadores, ainda organicamente indiferenciada aqui e ali, mas já marcada pelo abismo existente entre a socio-psicologia brasileira e a hispano-americana. Repellido as afirmações de Carcano relativas a uma suposta tendência do Império para a expansão da política expansionista de Portugal, assinala JMF que "se é indubitável que a herança psíquica, a diferença de línguas e, de um modo todo particular, as instituições monárquicas que soubera conservar, imprimiram à sua ação exterior características nitidamente brasileiras, não é o menos que, de palaciana e dinástica que fora, ela se transformaria num simples reflexo das tendências liberais e eminentemente pacifistas da nacionalidade".

Mais importante ainda, pelo campo que abriu à pesquisa e à reflexão numa área até então quase virgem da historiografia, é o ensaio sobre a influência exercida pelo Brasil na Revolução Industrial da Inglaterra.

Situando-se na linha de algumas indagações de Verner Sonbart e Vannorden Shaw, JMF, depois de expor e fundamentar uma interpretação original do fenômeno do bandeirismo — o que lhe valeu críticas de historiadores paulistas como Sergio Buarque de Holanda — parte para o estudo de um importante aspecto do ciclo do ouro, intercalando-o com oportunas abordagens da história política e econômica de Portugal, da Holanda e da Inglaterra. Procede a um minucioso levantamento estatístico do ouro extraído e cunhado no Brasil, de 1680 a 1829, e relacionando a sua drenagem para a Inglaterra com transformações estruturais da sociedade e da economia britânica, conclui: "Tomando possível a concentração de grandes estoques de ouro no continente europeu, o movimento bandeirante inaugurou efetivamente uma nova fase do capitalismo, salvou a vida financeira de Portugal e da Santa Sé, influiu nos destinos do cristianismo e na diplomacia da Europa e, por fim, transformou radicalmente a estrutura político-social e econômica da Inglaterra, acelerando assim o advento da Revolução Industrial do Século XVIII. E pergunta: "Que mais, para incluí-lo na série dos acontecimentos decisivos da história da humanidade?"

Esse orgulho de bandeirante do Século XX reafirma-se e amplia-se no mais elaborado dos seus trabalhos históricos: "Índios, Jesuítas e Bandeirantes". Ele próprio confessa na Introdução que "abordando o problema das bandeiras (...) e a luta entre a população civil e a Companhia de Jesus, tanto nos domínios da Coroa Portuguesa como nos da Espanha, temos a impressão de haver introduzido alguns conceitos novos, não só em relação à natureza essencial do movimento de expansão territorial brasileira, mas ainda a respeito da ação desenvolvida em nosso território e às margens do Prata e de seus inúmeros afluentes pela Companhia de

Jesus". A explicação peca pela modestia. Preocupado em elucidar fatos básicos do passado nacional, distorcidos por glórias complacentes da historiografia brasileira, JMF não recusa tomar a defesa dos bandeirantes repellido no anátoma da Igreja. Acentuando que a História tende a perder o caráter de serena interpretação do passado para assumir a feição de uma acerbica polemica em que as tendências ideológicas individuais se sobrepõem aos interesses da verdade objetiva, o autor pulveriza "as velhas e antigas acusações aos métodos de conquista adotados pelo luso-brasileiro do planalto de Piratininga na sua expansão para o Sul e para o Ocidente da capitania".

O espírito que cita Croce, lembrando que a história, para muitos, deixou de ser um ato do pensamento para se transformar na aprovação ou condenação de determinados fins ideais, não se cinge ao circunstancial. Procura abrangê-lo ao problema na sua dimensão mais lata, fixando-se no choque eterno entre o temporal e o espiritual — questão angustiante que, numa conjuntura histórica totalmente diferente, voltaria um quarto de século depois a fazer JMF debruçarse sobre o papel da Igreja nas sociedades hodiernas.

Espírito científico

Nas suas reflexões em torno da insuficiência da metodologia dos historiadores como Capristano de Abreu, o que JMF — leitor que Michelet e Henri Pirenne e atento às ressonâncias daquela "histoire profonde" de que fala Lucien Febvre — acaba por fazer é colocar o problema geral do Estado conquistador perante os povos chamados primitivos e a antitesse que o tipo de civilização moldada pelo capitalismo comercial representa em face do Absoluto dentro do qual se enquadrava a ordem social que a Companhia de Jesus procurava implantar na América.

Discípulo de Durkheim e Levy Bruhl, JMF recorreu, no seu admirável trabalho, à sociologia, na busca de uma explicação para a decadência "em que se viram precipitadas as populações guaranis das missões jesuíticas do Paraguai". E o intelectual de espírito rigorosamente científico quem levanta os dados e expõe os resultados do seu trabalho de pesquisa. Mas é já o cidadão vigilante, o bandeirante redutivo, quem na última página do ensaio se define nestas palavras: "Cremos ter deixado perfeitamente claro, primeiro, que se alguma coisa distingue o paulista dos demais habitantes da colônia, essa não foi certamente a sua maneira de tratar o índio, mas a sua intransigente capacidade construtora; segundo, que opondo-se, como aliás a totalidade da população luso-brasileira, à vitória dos planos jesuíticos no Brasil, evitou o bandeirante que nos domínios da Coroa Portuguesa se implantasse a lamentável instituição teocrático-econômica que na Baía do Prata redundou "naquele cemitério de um povo que se chama o Paraguai".

Continua na pág. seguinte

Intransigente pelo Público

Mem de Sá, num dos mais comentados retratos que sobre ele esboçaram antigos companheiros, escreveu que "não se lhe dava aparentar uma imagem totalmente falsa a quem não o conhecia ou a quem lhe não alcançava as finalidades. Se para ser em seu julgamento um amigo do povo, pugnando pelo que reputava bom, precisasse parecer um inimigo que lhe contrariava, momentaneamente, interesses imediatos e subalternos — então não pestanejava, tal como a pessoa que poderia ser solertemente apontado como insensível e frio, indiferente e hostil, até cruel em sua pena que vergastava e fulminava".

Na defesa do interesse público, JMF não conhecia amigos e inimigos. Toda a fraternal amizade que dedicava ao brigadeiro Eduardo Gomes — e era um dos homens que mais respeitava no Brasil — não impediu que "O Estado" criticasse o governo Café Filho no episódio da malograda reforma cambial que levou à demissão do ministro da Fazenda. Isso, apesar dos apelos pessoais do herói de Copacabana, que fazia parte do Ministério.

Tem razão Mem de Sá. Não há zonas de penumbra na trajetória política de JMF. Ela está, límpida, nas colções dos jornais, nos livros que ele escreveu, nos fatos da história contemporânea do Brasil. Sómente as últimas atitudes da sua vida de lutador não têm ainda as suas motivações tão claramente estabelecidas como seria desejável. E isso por fa-



Em 64, o povo paulista reconheceu a contribuição inestimável que dera à Revolução

JMF: facetas, idéias e caminhos

Há um ano falecia em São Paulo Julio de Mesquita Filho, diretor de "O Estado de S. Paulo". Seu desparecimento foi lamentado como perda não apenas nacional, mas continental. Desde então, no Brasil e no Exterior, escreveu-se muito sobre o jornalista, o homem público, o democrata, o educador, o defensor intransigente da liberdade de expressão, o presidente da Associação Interamericana de Imprensa, o liberal, o cidadão exemplar que, no dizer de Mem de Sá, "acima de todo o excepcional, elenco de méritos e virtudes, se fixava e impunha pelo caráter".

Na hora em que nesta casa todos o recordamos, não nos parece que a melhor maneira de prestar homenagem à memória do líder e do amigo mor-

to seja evocar o já dito, historiar a sua bela trajetória de cidadão envolvido em quase seis décadas de batalhas políticas que marcaram o passado recente, o presente e o futuro imediato da nacionalidade. Suas opções e atos, como soldado da democracia e como diretor desta fôlha, foram sempre de uma clareza meridiana e não serão esquecidos. Prescindem de interpretações e de sínteses que no breve espaço de algumas colunas de jornal acabariam por amputá-los ou diminuir os em seu significado. Apenas afloraremos, assim, êsses aspectos da vida do homem público na medida em que a importância de certas definições e atitudes dos últimos anos da sua existência não foi ainda suficientemente realçada, por

força, aliás, da situação excepcional que o País atravessava e atravessa e que ditou essas mesmas tomadas de posição.

Fundamentalmente, o que evocamos hoje são facetas, idéias, caminhos, alguns pouco conhecidos, do homem e do intelectual. O inventário da sua obra está ainda por fazer e não temos a pretensão de nos anteciparmos aos críticos e biógrafos. Nada mais desejamos do que chamar a atenção dos leitores de "O Estado" para sendas percorridas e desbravadas pelo patriota ardente, pelo pensador político, pelo historiador, pelo educador, pelo homem de letras que se fundiam e chocavam na personalidade complexa rica, humaníssima de Julio de Mesquita Filho.

... muitas das suas contradições aparentes. Seria incorreto dizer que os editoriais de JMF não exprimiam a sua opinião sobre o tema abordado. Mas seria mais exato dizer que traduziam apenas uma parte da sua complexa verdade interior, qualquer que fosse o assunto tratado. Seu espírito tinha múltiplos andares e o jornalismo não era um veículo adequado às reflexões mais profundas a que era impellido. Aveso a toda a forma de snobismo intelectual, tinha horror ao tratamento pseudocientífico das idéias. Mas a significação e a grandeza de determinados acontecimentos deixavam-no por vezes indeciso na delimitação das fronteiras entre o jornalismo e o ensaio. Não podia eximir-se de tratá-los, conferindo-lhe a importância que lhes reconhecia e extraindo deles as lições implícitas. Mas não o fazia sem um conflito entre o pensador, contrario a julgamentos apriorísticos, e o jornalista político, plenamente consciente da necessidade de tomar posição e do peso desta. Aparentado por Carlos Lacerda como o maior editorialista político do Brasil, nem por isso JMF deixou, ao longo dos anos, de se rebelar contra um processo de comunicação intelectual que não satisfazia uma parte do seu eu. A estrutura, a dimensão, o estilo do editorial diário chocavam-se com as estruturas do seu pensamento, com o seu gosto pela metodologia rigorosa e com a sua vocação de escritor apaixonado pelos problemas da linguagem. O jornalista, o homem público, realizava-se plenamente no combate; o pensador, frequentemente, saía das grandes campanhas coberto de elogios, mas dominado por um sentimento de frustração. Não por não ter agido em obediência à linha traçada, mas por não ter podido expor tão exaustiva e aprofundadamente como desejava o conteúdo do seu pensamento.



"O democrata aristotélico era um homem do seu tempo..."

O Liberalismo

"Reagindo contra o poder incontratável do Estado nas monarquias do Continente Europeu, ela (a doutrina) proclamava, de acordo com a sabedoria política do anglo-saxão, a supremacia do indivíduo sobre o Estado, e a luta, sem tréguas, contra a prepotência deste. Uma análise mais detida da doutrina nos leva, entretanto, a concluir que ela nunca afirmou de um modo absoluto a não ingerência do Estado nos negócios da sociedade. O que ela sábiamente preconizava, já em seu nascedouro, é o que a História veio a confirmar, a saber, a falta de aptidão do poder público para gerir qualquer espécie de negócio.

Inspirando-se, como dissemos, no espírito científico, ela repudia as afirmações categóricas. Limita-se a observar o curso natural dos acontecimentos, para pautar, por eles, as suas ações. Assim, aceitava a intervenção do Estado neste ou naquele setor das atividades humanas, segundo as circunstâncias e sempre que o

determinismo dos fatos o aconselhe. O que não admite, o que repete como contrário à substância mesma do espírito que a inspirou, é o apriorismo político, são todas as concepções tendentes a deformar as sociedades humanas e o indivíduo, segundo modelos previamente concebidos. Crê na inteligência do homem, mas nega-lhe o poder de profecia e, acima de tudo, capacidade para determinar o futuro, a forma de que se revestirão amanhã os grupos humanos. Não desconhece a plasticidade relativa do homem e das nações. Sabe muito bem que, assim como certas tribos africanas deformam os membros, os lábios e até mesmo o crânio dos filhos, a vontade humana pode, quando suficientemente forte para isso, modelar a psique do indivíduo e a estrutura das sociedades. Sabe, mas recusa-se a consentir em tais mutilações. E é nisso que consiste a sua incomparável nobreza, a sua eterna atualidade". (in Política e Cultura, págs. 71-2).

Do jornalista ao pensador político

"Como autor do primeiro comentário político em "O Estado de S. Paulo", eu sou obrigado a analisar os fatos todos os dias, de acordo com a evolução dos mesmos; sou, portanto, um condutor de opinião ou, pelo menos, procuro dar as minhas impressões sobre a conjuntura momentânea, e isso me impõe certas obrigações. A primeira é ser absolutamente sincero e enfrentar as críticas que me possam fazer. Sei perfeitamente que não sou infalível, que estou sujeito a erros, não direi graves, mas de certa importância".

Quando Julio de Mesquita Filho fez essas declarações, numa entrevista, muitos homens públicos brasileiros receberam-nos com um espanto não isento de ironia. Nenhum punha em dúvida a sua absoluta sinceridade, mas não poucos estranharão a confissão de permeabilidade à crítica e sobretudo a aceitação da possibilidade do erro. E, contudo, nessas breves palavras, o retrato do jornalista, esboçado por ele mesmo, apresenta uma singular fidelidade à sua imagem real.

Julio de Mesquita Filho tinha, como gostava de dizer, a exata noção das limitações do jornalismo. A sua visão da História e da problemática humana gerava nele, como intelectual, muito mais dúvidas do que certezas. Aquilo que muitos tomavam por espírito de infalibilidade era apenas o reflexo de uma intransigente firmeza de caráter e da convicção de que a melhor maneira de enfrentar as suas perplexidades era bater-se na defesa de valores e

idéias fundamentais. A combatividade permanente não era na sua pessoa incompatível com uma nitida percepção das fronteiras do circunstancial.

Pertenceu a uma geração que conheceu o mundo como ele era antes do cataclismo de 14, "esse período da história em que o liberalismo imperava sem contraste e o socialismo não assumira ainda o feição agressivo, totalitário e predador que lhe imprimiria a vitória definitiva das tendências marxistas sobre as soluções profundamente humanas defendidas pela escola francesa". Como outros jovens da época, JMF jurava pelos postulados rousseauianos e em cada semelhante via potencialmente um homem de bem.

Com as terríveis hecatombes da guerra, esse idealismo ingenuo morreu nele para sempre. A Revolução de 17, na Rússia, seria aliás o marco inicial de acontecimentos que fizeram ruir a confiança universal nos velhos valores, trazendo uma apa-

rença de confirmação à dialética hegeliana. "A" tese comunista — as palavras são de JMF — vitoriosa na terra dos czares, respondeu o Ocidente, subvertido pela guerra de 14, com a sua antítese, o totalitarismo da Direita. "Via-me na situação quase desesperada de quem, coagido a avançar sempre, nas trevas, pressente a aproximação do abismo". Renan, Valéry, Spengler, Freud, intérpretes de uma espiritualidade ocidental que o modelava, aceitavam a idéia do ocaso definitivo da Civilização como fatalidade inelutável.

Para o homem, para o escritor, para o patriota brasileiro foram decisivos esses anos de ceticismo e transição. "Nas prisões por onde perambulou, no exílio e quando dele voltei, por toda a parte me perseguia — contou mais tarde — o espectro do mundo que fora o meu e pelo qual eu havia dado o melhor de mim mesmo". Lutar, para que? perguntava-se. Mas o surpreendente é que nunca deixou de lutar.

As feridas interiores jamais cicatrizariam, mas o intelectual amargurado ganharia com os anos uma serena tranquilidade que o levaria, mesmo quando fustigado por interrogações sem resposta, a bater-se como um cruzado na defesa de causas perdidas.

Jornalista o foi integralmente. Mas um jornalista analisador sempre criticamente pelo pensador político. Essa coexistência entre o observador do cotidiano e o espírito aberto para o universal e atraindo pela meditação histórica gerava nele uma dicotomia que explica

Essa sua fidelidade à política-ciência explica o desprezo que votava a quase todos os políticos profissionais brasileiros. Tanto como o desprezo pelos princípios éticos, lamentava-se a ausência de uma formação ideológica. Como não compreender essa atitude num homem que, ao beirar os 50 anos, para procurar a resposta a algumas indagações inquietantes, apelou para Raymond Aron e um de junho dele, com o fervor de um estudante aplicado, atualizar os seus conhecimentos sobre marxismo e aprofundar o seu conhecimento da revolução filosófica alemã do Século XVIII?

O diálogo entre ele e a maioria dos nossos políticos era realmente impossível. O seu gosto pela teoria, pelas definições precisas, pela clareza das escolhas doutrinárias, inspirava respeito, mas levantava também uma barreira entre ele e os carreiristas da política, fossem eles obscuros vereadores ou presidentes da República.

Quando não entendia as opções geradoras de certos fenômenos políticos que se lhe afiguravam de capital importância, não hesitava em abordar os responsáveis com uma franqueza brutal. Ele mesmo narrou numa bela página de literatura política o seu único e desagradável encontro, em 1938, com Leon Blum, o velho político que chefiara o governo da Frente Popular, em grande parte responsável pelas condições que tornaram possível o colapso de 40.

JMF foi direto ao cerne do assunto. "Senhor presidente — disse — uma questão que sempre nos preocupou e para a qual até agora não encontramos explicação é o fato de ter a S.F.I.O. rompido as tradições humanitárias do socialismo francês representadas por Saint-Simon, Fourier, Proudhon e tantos outros para tornar-se marxista. Não teria havido nisso uma ruptura com a França naquilo que ela tem de mais belo e mais nobre, que é a essência da sua cultura? Foi ela um bem ou um mal?"

A pergunta explodiu como uma bomba. Conta JMF que Blum o fuzilou com o olhar, respondeu a pôr longo silêncio, umas palavras entre as quais só ouviu uma: imperficiência.

"Trouxe-nos aqui — respondeu — o desejo de elucidar um problema que reputamos da máxima importância e não a intenção de dirigir a V. Exa. palavras de pura lisonja. Fomos mal sucedidos. Passe muito bem". E retirou-se.

Sua convicção de que a sociedade francesa se achava doente amargurou-o quase tanto como as calamidades que na altura se abatiam sobre o Brasil. Trinta anos depois, seu último ensaio político foi dedicado ao país de Voltaire. A rebelião de maio de 68 encontrou-o em Paris. Sua análise dos fatos e a visão prospectiva dela decorrente impressionaram pelo pessimismo sombrio. Mais uma vez o pensador se sobrepuja ao jornalista. Indiferente aos julgamentos do dia, JMF esqueceu o circunstancial para se manter fiel ao seu senso de responsabilidade no tratamento da história. O analista da Revolução de Maio, que remonta a 1848 para explicar certos aspectos do comportamento dos jovens nihilistas de Nanterre, é o mesmo espírito que nos anos 30 chocava Blum com a sua autenticidade, o mesmo comentarista da História que nos anos 50 se alarmava com o exito da influência exercida na terra do equilíbrio, da proporção e do bom senso pelas forças exóticas de Kierkegaard, Heidegger e Jaspers, vulgarizadas por Jean Paul Sartre.

Um tribuno de novo estilo

Suas críticas contundentes à política do general de Gaulle espelham bem essa preocupação de distanciamento que era uma das virtudes intelectuais mais nobres de JMF. Nelas não havia paixão, nem sombra de animosidade pessoal. A veemência da crítica estava na razão da importância do vulto histórico. Poucos recordam, porém, que no início da década de 50, quando de Gaulle estava esquecido e a IV República vivia a hora efêmera da reconstrução econômica, JMF escrevia em "A Europa que eu vi": "Ele viverá o seu grande momento e só então a Humanidade saberá ao certo até onde vão as inegáveis qualidades dessa singular figura. E quem são os fatos que ele se revela então um emulo daquelas personagens de primeira ordem de que a história da França sempre se mostrou tão prodiga, para a salvação da sua pátria e de toda a humanidade latina". Essas palavras encerravam já a antevisão do reencontro dramático do general com o seu destino histórico, no ano 58.

É obvio que os fatos correntes do dia a dia não podiam empolgar um homem cujo pensamento pairava acima deles, longe das mesquinhas da política municipal ou das habilidades de qualquer ministro ambicioso e medíocre. Mas nem por isso JMF se escusava a comentá-los sempre que, mesmo enojado, lhes reconhecia uma significação política. Essa facilidade que tinha em descer dos grandes problemas que condicionam o futuro do homem à catilinária, dura mas necessária, contra um simples chefe estadual era inseparável da sua vocação democrática e do seu amor dos humildes. O intelectual preocupado com o desenvolvimento da aventura espacial, com as pesquisas revolucionárias da genética ou com os problemas da paz e da guerra no mundo, era capaz — e fê-lo muitas vezes — de interromper uma série de artigos da mais alta responsabilidade para fustigar na sua coluna um prefeito corrupto ou denunciar um escândalo educacional. Rêherto Campos escreveu um dia que Julio de Mesquita Filho tinha uma concepção aristotélica e elitista da democracia. A afirmativa é verdadeira no pla-

no da teoria, falsa no da prática política do homem. O estudo de Montesquieu e de Jefferson punha de lado todo o orgulho intelectual quando sentia que a sua palavra de jornalista era imprescindível no debate de uma causa em que estivessem em jogo interesses da grei; o teórico do Roteiro da Revolução transformava-se em repórter e deslocava-se ao Amapá, ao Nordeste ou ao Paraná se era preciso revelar ao País aspectos da realidade brasileira. Aristocrata pelo espírito, infenso a todas as formas de demagogia, JMF foi nesse sentido, na sua coluna, um tribuno popular de novo estilo.

Preferia, claro, escrever sobre um reduzido número de temas. Uma das facetas da sua personalidade intelectual era a contradição existente entre a sua fidelidade ao pragmatismo político do liberalismo e o fascínio que experimentava diante do estudo das ideologias que combatia. Poucos marxistas brasileiros dedicaram a obra de Karl Marx — e particularmente a "O Capital" — a atenção que ele lhe consagrou. Seu domínio da metodologia marxista e sua capacidade de encarar um problema econômico sob o prisma do materialismo dialético explicam muito do desprezo que tinha pelos "simuladores de

cultura" da esquerda brasileira, tolhidos pelo jargão e pela ignorância doutrinária. Em sua biblioteca estavam representados todos os grandes clássicos do comunismo, com a peculiaridade de algumas obras fundamentais de Engels, Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Gramsci e Labriola apresentarem anotações que refletiam uma serena meditação. Essa intimidade com o pensamento do adversário, se o tornava implacável no trato com mistificadores e oportunistas, ajudava a compreender o respeito que tinha pelos inimigos políticos a quem reconhecia autenticidade e base cultural. A ideologia para JMF nunca foi um fim que o separasse de outros homens. Demagogos e aventureiros sem estatura esforçaram-se por criar uma legenda negra em torno do seu pretenso sectarismo. Os fatos provam o contrário. Entre os seus amigos figuraram homens como Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III Internacional — Antonio Sérgio, Jorge Amado e Di Cavalcanti. Poucos sabem que Eduardo Frei, horas antes de deixar São Paulo, após a sua visita como presidente da República do Chile, lhe telefonou pessoalmente para lhe pedir que se deslocasse a Santiago como seu convidado. Não era tanto o desejo de lhe mostrar o Chile. Desejava falar longamente com Victor Serge — que durante anos foi alto funcionário da III

Censo: início em setembro

Da Sucursal de RIO

A partir de 1.º de setembro cerca de 100 milhões de questionários serão distribuídos às residências e domicílios em todo o País pelos agentes recenseadores, encarregados do Censo Demográfico, e do levantamento das condições de habitação de cada brasileiro. O VII Recenseamento Geral do Brasil, segundo o presidente do IBGE, Isaac Kerst-

metky, servirá de marco para o reajustamento dos programas de desenvolvimento do País previstos para esta década".
O Censo Demográfico de 1970 abrangerá prédios, domicílios, famílias e pessoas que receberão 75% delas, um questionário com 10 perguntas e os outros 25%, um questionário contendo 42 questões.

Quanto à relação dos candidatos aprovados no concurso para recenseador, somente a partir da segunda quinzena de julho será feita a divulgação.

Amostragem

A fim de fazer uma avaliação mais simples de toda a população, será aplicado o método de amostragem conforme o realizado em 1960, "só que este ano ele foi ampliado e aperfeiçoado". A amostra será formada por 25% dos domicílios particulares e pessoas neles recenseadas, e 25% das famílias ou componentes dos grupos conviventes recenseados em domicílios coletivos.

Segundo o presidente do IBGE, a aplicação da amostragem é fato comum e, muitas vezes, se im-

põe como único processo admissível: "quando queremos examinar uma mercadoria, por uma simples amostra identificamos e determinamos o padrão da mesma. Esta aplicação da mostra não difere, em essência, da que é feita em inquéritos estatísticos. Apenas nestes levantamentos, torna-se necessário o emprego de sistema adequado a fim de garantir uma perfeita seleção e o conhecimento do erro provável".

Questionário

Nas residências chamadas de amostra, será usado o questionário completo que conterá perguntas como: nome, idade, sexo, religião, onde nasceu, se sabe ler ou escrever, o que está estudando, se trabalha, quanto ganha, quantos filhos tem etc. Em cada quatro casas, uma receberá o questionário contendo 42 perguntas, as outras três responderão apenas 10.

No questionário menor, serão indagados apenas o nome, sexo, condição de presença, parentesco ou relação com o chefe da família, data do nascimento (em caso de não saber, a pessoa deverá indicar quantos anos supõe ter), nacionalidade, unidade da Federação ou país estrangeiro de nascimento, se sabe ler e escrever, e se frequenta escola.

Sigilo

Explicou ainda o presidente do IBGE que as informações prestadas ao Censo terão caráter confidencial e serão utilizadas exclusivamente no preparo de cadastros e séries estatísticas: "Os resultados do recenseamento geral irão nortear os rumos das atividades governamentais, tanto em seu caráter global como setorial, na rota do desenvolvimento nacional. Nessas condições, mais ainda do que quando dos recenseamentos anteriores, cabe à população prestar, nos questionários do Censo, as informações solicitadas com a maior fidelidade e a possível presteza".

Quanto ao Censo Econômico, que compreenderá as atividades industriais, comerciais, agrícolas e dos serviços, somente será realizado no início do ano que vem.

A comissão altera a orientação do ensino

Das Sucursais e do correspondente

A introdução de 3 tipos de disciplinas nos currículos dos cursos fundamental e colegial; a criação do 1.º e 2.º graus; o ensino supletivo para estudantes fora de idade escolar e a avaliação de produção dos alunos e dos professores, são algumas das modificações a serem introduzidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Essas e outras são as conclusões a que chegou o Grupo de Trabalho reunido para estudar a reforma do ensino fundamental e colegial.

Os capítulos de estudo, a medida em que vão sendo concluídos, serão transformados em projeto de lei, discutidos na Câmara dos Deputados e posteriormente inseridos na Lei de Diretrizes e Bases. Até o dia 15 de agosto próximo, a conclusão final será entregue pelo GT ao ministro Jarbas Passarinho, afirmando os participantes do grupo que os pontos já fixados e concluídos foram testados durante a "Semana da Educação", realizada na Universidade de Brasília — onde funciona o grupo, com debates de professores, alunos, secretários de Educação e pessoas ligadas ao problema, para sentir a funcionalidade das reformas.

Estrutura

O ensino ficou dividido em primeiro e segundo graus. O primeiro grau, que é o ensino fundamental, engloba o curso primário e o 1.º ciclo do curso médio. O segundo grau é o que antigamente se chamava curso colegial.

verão entrar nesse esquema. Para isto, conforme afirma, está prevista no plano de reestruturação uma ajuda do governo, com o nome de "ação supletiva", a ser dada imediatamente aos colégios que não estiverem em condições de oferecer habilitações que atendam a peculiaridades locais ou regionais.

Curriculo e professores

Três espécies de disciplinas formarão o currículo dos cursos reformados: o núcleo comum (formado de disciplinas básicas para todas as habilitações); o núcleo diversivo (formado de disciplinas que atendam a peculiaridades locais e regionais); e disciplinas que atendam às várias habilitações.

As primeiras, comuns a todos os cursos, serão estabelecidas pelo Conselho Federal de Educação; para as do núcleo diversivo, os Conselhos Estaduais de Educação irão organizar listas, de acordo com cada região.

Logo no início dos trabalhos, levantou-se uma questão entre as pessoas envolvidas no estudo: seriam formados professores especiais para o ensino fundamental, já que os de curso Normal estão voltados somente para o ensino primário, e os de Filosofia para o ensino ginasial?

Esta questão já ficou esclarecida na primeira conclusão dos trabalhos: os professores serão aproveitados da mesma forma que o foram até agora. Os formados por Escolas Normais, ministrarão até o 5.º ano do ensino fundamental; os que eram antes de cursos ginasiais, e que forem formados agora para esse trabalho, serão aproveitados do 5.º ao 8.º anos do curso fundamental.

Não haverá modificações na estrutura de formação de professores.

Avaliação

A avaliação do rendimento de ensino será modificada na Lei de Diretrizes e Bases. Será o próximo assunto a ser estudado pelo grupo de trabalho, e eles adiantam em que ponto será feita a reformulação: até hoje, só havia verificação do rendimento do aluno, e às vezes o estudante é reprovado porque tem um mau professor. O rendimento será avaliado em termos de aluno e professor, e serão indicadas medidas a serem tomadas, no caso de se descobrir um mau professor, depois da avaliação de rendimento.

Supletivo

Todo ensino ministrado fora da idade escolar receberá o nome de supletivo. Quem não conseguiu estudar na idade própria, no caso até em curso superior, deverá entrar em cursos supletivos, que não terão a duração de cursos normais, mas serão estruturados de forma especial pelos sistemas de ensino estaduais, com a preocupação única de profissionalizar o adulto. Terão duração e regime escolar próprios, e, para o seu êxito, será solicitado o auxílio dos meios de comunicação — rádio, televisão, correspondência etc.

Esses pontos estão passíveis de pequenas reformulações na ocasião em que for feita a redação final conclusiva de todos os estudos. Mas a sua viabilidade já está sendo testada, à medida em que vão avançando nas conclusões, em debates com alunos e professores na própria Universidade de Brasília.

Paraná apronta a nova ferrovia

Da Sucursal de CURITIBA

A Estrada de Ferro Central do Paraná estará inteiramente concluída e será inaugurada em dezembro deste ano. Mais de 75% das obras estão prontas, inclusive metade dos dez túneis do trecho Ponta Grossa a Apucarana. A ferrovia cobre extensão de 320 quilômetros, dos quais 242 quilômetros já têm os trilhos assentados: 162 km, de Ponta Grossa em direção ao norte, e 80 km, de Apucarana, rumo ao sul.

Apesar da sua grande importância econômica e social, apenas 30% da EFPC foram concluídos em 23 anos. E de maneira pouco racional, pois os trechos Apucarana-Marilândia do Sul e Ponta Grossa-Ipiranga não proporcionam rendimento financeiro e pouco representam, isola-

damente, para a política de transporte do Paraná.

Atualmente, a ligação ferroviária entre o norte e o sul do Estado, via Marques dos Reis, é coberta por 625 quilômetros. Além de encurtar o percurso pela metade, a nova ferrovia será o grande esboço da produção agropecuária de todo o Norte do Paraná e parte de São Paulo e Mato Grosso. Será também uma solução para os problemas que advirão, a partir dos próximos três ou quatro anos, com o previsto congestionamento da Rodovia do Café. A ferrovia seria, assim, a via auxiliar da estrada que liga Paranáguá ao Norte do Estado.

As obras

Em 1969 foram aplicados 38 milhões de cruzeiros nas obras da Central do Paraná. Do total, 23,8 milhões foram obtidos junto a grupos financeiros de Israel e Estados Unidos, 15,9 do erário es-

tadual e 8 mil do governo federal, que avalizou os empréstimos ao governo do Paraná, através do Banco do Brasil. A estrada, depois de concluída, passará à administração do Ministério dos Transportes, integrando o Sistema Nacional de Estradas de Ferro, ligando-se a São Paulo e Ponta Alegre, como parte do Tronco Sul.

Este ano estão sendo investidos na ferrovia 55,8 milhões de cruzeiros, oriundos de financiamentos, além de 11,7 milhões do erário estadual. Os trabalhos foram intensificados com o aumento das equipes de operários, que se revesam durante 24 horas, trabalhando à noite à luz de holofotes. Já foram adquiridos da Companhia Siderúrgica Nacional, para complementação dos quilômetros restantes, 10 mil toneladas de trilhos e 1.790 placas de apoio.

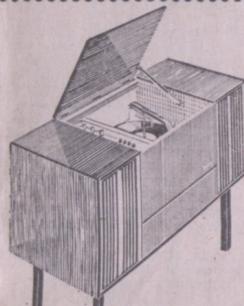
DAÇÃO

Eletroradiobraz

RADIOFONE TELEFUNKEN STEREO CANTATA.

Toca-discos automático de 3 rotações. Som estereofônico da melhor qualidade.

De 1.450,00 por **1.245,00** À VISTA
Ou pagtos. iguais de **69,40**



RADIOFONE PORTÁTIL BELAIR IMPORTADO.

Rádio e toca-disco com 3 rotações. Pilha e luz.

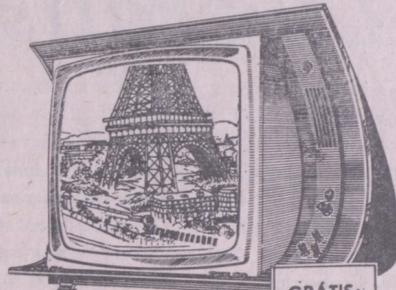
De 450,00 por **329,00** À VISTA
Ou pagtos. iguais de **23,38**



ELETROLA PORTÁTIL SACY

Toca disco em 3 rotações.

De 170,00 por **119,00** À VISTA
Ou pagtos. iguais de **7,94**

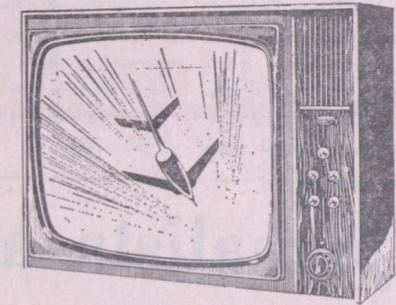


GRÁTIS: 1 relógio Suíço

TELEVISOR PHILCO B-127.

De mesa. (23") 59 cms. Novo circuito de áudio. A melhor imagem e o melhor som.

De 1.350,00 por **997,00** À VISTA
Ou em pagtos. iguais de **69,95**



NÓVO TELEVISOR MILEM DE MESA

(23") 59 cms. Técnica avançada. Sonoridade perfeita.

De 890,00 por **699,00** À VISTA
Ou em pagtos. iguais de **46,20**



FOGÃO BRASTEMP COM C.A.T

Painel com controle automático de temperatura. 4 bocas. Tampa porcelanizada. Forno gigante.

De 600,00 por **450,00** À VISTA
Ou em pagtos. iguais de **33,32**



FOGÃO BRASIL CONTINENTAL 2001.

Quatro queimadores gigantes. Amplo forno com visor.

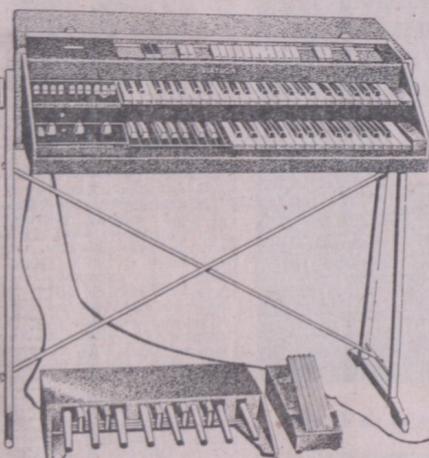
De 670,00 por **545,00** À VISTA
Ou em pagamentos iguais de **36,41**



TELEVISOR ESPLANADA SEMP MAX 1970

(23") 59 cms. Modelo de mesa. Fácil manêjo e alta sensibilidade.

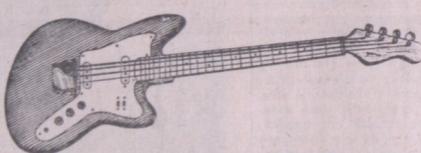
De 1.100,00 por **849,00** À VISTA
Ou em pagtos. iguais de **51,00**



ORGÃO DIATRON SPECTRA DUO.

Teclado duplo com 98 notas. 18 registros e mais registro Drawbars.

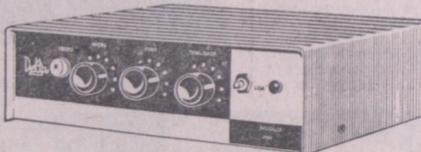
De 7.200,00 por **6.750,00** À VISTA
Ou em pagtos. iguais de **486,00**



CONTRA BAIXO GIANNINI SONIC.

Elétrico. Dois cristais. Cinco contrôles. Sonoridade perfeita.

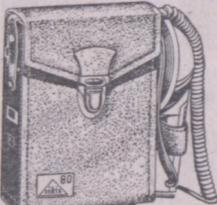
De 390,00 por **356,00** À VISTA
Ou em pagamentos iguais de **24,00**



AMPLIFICADOR DELTA. 2022 MU.

Mixto. Luz e bateria. 6, 12, 110 e 220 volts. 15 watts de potência.

De 320,00 por **289,00** À VISTA
Ou em pagamentos iguais de **19,29**



FLASH ELETRONICO FRATA. F-80.

Funciona à pilha, bateria e corrente elétrica. Cabo para ligação direta.

Em pagamentos iguais de **27,39**



GRAVADOR ADMIRAL.

Cassete totalmente transistorizada. Microfone com controle remoto.

De 350,00 por **288,00** À VISTA
Ou em pagamentos iguais de **19,20**

CASA AMANHÃ. É SÓ COMPRAR NA ELETRO.